



Candidato comunista ao Senado pede na TV que eleitor não vote nele

Aglaé Lavaroti

Brasília — “Meu nome é Paulo Cassis, sou candidato ao Senado pelo PC do B, meu número é 241, mas não votem em mim. Votem em Fernando Tolentino para a Câmara, Maerle, Lindemberg e Pompeu de Sousa para o Senado.” Essa mensagem vai ao ar todos os dias no horário da propaganda eleitoral gratuita em Brasília e é do único candidato do PC do B no Distrito Federal, que usa o tempo do partido para pedir votos para quatro candidatos do PMDB.

Brasília vai eleger oito deputados e três senadores. Concorrem 22 partidos, com 68 candidatos ao Senado e 171 à Câmara. O Partido Comunista do Brasil, ao realizar sua convenção, no dia 3 de agosto, decidiu lançar três candidatos à Câmara e um ao Senado, por temer a lei eleitoral, considerada obscura e pelas interpretações dadas pelo TSE. O PC do B não queria ser surpreendido e ficar sem horário na televisão. Posteriormente, retirou as candidaturas à Câmara dos Deputados, coligou-se com o PMDB nas eleições proporcionais e manteve a candidatura do presidente regional do partido ao Senado, Paulo Cassis.

Com isso, assegurou três minutos diários — metade de manhã e metade à noite — no rádio e na televisão, que passaram a ser utilizados por Cassis para pedir votos para os candidatos do PMDB. Cassis explica a decisão: “Se lançássemos candidatos próprios à Câmara, correríamos o risco de ter uma boa votação, mas insuficiente para eleger um deputado e esses votos seriam desperdiçados. O coeficiente eleitoral em Brasília deve ficar em torno de 80 mil votos. Se fizéssemos algo em torno de 70 mil, não elegeríamos ninguém e ainda dispersariamos 70 mil votos.”

Por isso, o PC do B passou a apoiar o candidato Fernando Tolentino, do PMDB à Câmara. “Tolentino foi um dos fundadores do PMDB de Brasília em 1979, já foi presidente e secretário-geral do partido e sempre integrou o segmento do PMDB chamado **bloco popular**, do qual o PC do B, quando estava na clandestinidade, também participava e que tem como lema Terra, Trabalho, Liberdade e Independência Nacional”, explicou Cassis.

Muito à vontade nesse apoio, Cassis diz ainda que Tolentino defende idéias que convergem com as do PC do B, como o não pagamento da dívida externa, a restrição do papel das Forças Armadas a guardar as fronteiras e a proibição de tentativa de golpe militar, que passaria a constituir crime, além da criação do Estado de Brasília. “Esse candidato, como os demais que apoiamos para o Senado — Maerle, Lindemberg e Pompeu —, possui posições e idéias progressistas dentro do PMDB, com chances de vitória.”

Por isso, Cassis, um paulista de 40 anos, nascido em Catanduva, casado, pai de três filhos e funcionário público — datilógrafo concursado no Senado —, sem nenhum constrangimento vai à TV e à rádio e, mesmo se dizendo candidato, pede que não votem nele, mas nos candidatos apoiados pelo PC do B. Cassis só não convenceu até agora, D Iolanda, sua mãe, que insiste em votar nele.

A tática do partido tem se repetido em vários estados. Para não ficar sem horário de propaganda eleitoral gratuita, o PC do B lançou candidatos em quase todos os estados, mas pede votos para candidatos que apoiem outros partidos, como em Goiás, onde trabalha para reeleger Aldo Arantes para a Câmara e Edmundo Galdino para a Assembleia Legislativa, apesar de ambos concorrerem pelo PMDB.

Pela legenda, o partido espera eleger cinco constituintes: Haroldo Lima e Lídice da Mata, na Bahia, Aurelio Peres, Aldo Rebelo e Fernando Pupo, em São Paulo. Mas acredita que mais dez candidatos de outros partidos apoiados pelo PC do B devem se eleger. Esses candidatos, no entanto, como é o caso de Fernando Tolentino em Brasília, não devem deixar o PMDB para ingressarem no PC do B, mesmo depois das eleições. Não sabemos ainda o que vai acontecer, há uma certa instabilidade com relação ao registro definitivo dos partidos e às exigências eleitorais”, justificou Cassis.